

O FRUTO DO ESPÍRITO (Gl 5.22-25)

Estudo 31 – Crucificados com Cristo

“A paixão de Cristo” (2004) conta a história de Jesus, focando principalmente nos momentos que antecedem sua morte na cruz. O filme causou polêmica por apresentar cenas extremamente violentas, sendo censurado e até banido em alguns países de tradição cristã. O diretor Mel Gibson fez algumas pontas no filme, incluindo o papel de um guarda romano que segura o prego para que o outro martelasse, atravessando a mão de Jesus. Católico, ele afirmou que a intenção era deixar claro que o Salvador foi crucificado por sua causa.

Você assistiu “A paixão de Cristo”? O que achou das imagens? Que imagem você costuma ter em sua mente da crucificação de Jesus? Ou nunca parou para pensar nisso?

Após terminar sua lista de virtudes do fruto do Espírito, Paulo faz outra declaração solene: “os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne” (Gl 5.24). A carne de Cristo foi literalmente crucificada. Suas mãos e pés foram perfurados com os pregos, seu lado foi rasgado pela lança (Lc 24.39; Jo 20.27). Neste sentido, não houve metáforas no Calvário. Mas o que dizer de todos os crentes em Jesus também terem sua carne crucificada?

Já vimos que a “carne”, aqui, não significa nosso corpo material – os tecidos, músculos e tendões que recobrem os ossos (Estudo 2). “Carne”, neste caso, tem o significado de *nossa natureza decaída por causa do pecado* (Rm 7.5,25; Ef 2.3). Isso fica evidente na sequência do texto, conforme ele pontua as *paixões e concupiscências* da carne (Gl 5.24). Sendo a cruz um instrumento de morte, fica claro que Paulo está se referindo metaforicamente à eliminação da nossa natureza pecaminosa após a conversão.

Paulo usa uma expressão semelhante numa exortação aos colossenses: “*façam morrer* tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria” (Cl 3.5). Escrevendo aos romanos, ele ensina: “se pelo Espírito *fizerem morrer* os atos do corpo, vocês viverão” (Rm 8.13).

Diferentemente, no entanto, o apóstolo empregou em nosso texto outro tempo verbal (passado do indicativo), de forma que aqui ele não está exortando, incentivando ou comandando os gálatas a crucificarem a carne. Ele está declarando uma realidade. Os crentes crucificaram sua carne!

Claro que Paulo não quer dizer que não temos mais nenhum desejo pecaminoso ou que não pecamos mais. Esse tipo de perfeição impecável não é o que o Novo Testamento ensina a respeito de nossa vida presente. Somos pecadores salvos pela graça, mas ainda vivemos neste mundo, cercados de tentações e, por vezes, caímos e falhamos (1Jo 1.8,10; 2.1). Só seremos inteiramente libertos do pecado e da tentação quando vivermos com Cristo na nova criação (Rm 8.30; Ap 3.5).

Essa ousada declaração tem a ver, primeiramente, com algo que foi efetuado por Deus: quando cremos em Cristo, o Espírito Santo nos une espiritualmente a Cristo, de forma que ele se torna nosso representante perante Deus, de forma que sua morte é contada como nosso castigo pelo pecado (Rm 6.6,8; Gl 2.19). Esse é o sentido da declaração (Gl 2.20): “Estou crucificado com Cristo!”

Contudo, essa impressionante declaração tem a ver, também, com as consequências práticas daquilo que Deus fez. Afinal, se já tivemos nossa natureza pecaminosa destruída pela cruz do Salvador, não faz nenhum sentido que continuemos a viver como se ainda fôssemos os mesmos (Rm 6.13).

A diferença é que, enquanto a obra de Deus nos uniu à cruz de seu Filho definitivamente, a nossa obra de mortificarmos a carne é um processo contínuo e diário. Temos que nos despojar do velho homem que vivia segundo “suas paixões e desejos” e nos revestir do novo homem que vive segundo a justiça (Ef 4.22-24; Tg 1.21; 1Pd 2.1).

Portanto, a salvação pela graça implica um empenho constante: há lugares aos quais não devo ir; coisas para as quais não devo olhar; relacionamentos com os quais não devo brincar; palavras que não devo proferir; conversas das quais não devo participar; sentimentos que não devo alimentar; desejos que não devo satisfazer... e assim por diante.

APLICAÇÃO

O quanto você está disposto a mortificar, fazer morrer e matar a natureza pecaminosa que há em você? Se for difícil, você persistirá? Se o pecado se levantar novamente depois de um tempo, você estará pronto a fazê-lo morrer novamente?

Essa é uma batalha de vida ou morte. Lembre-se de orar constantemente pela sua própria santificação e mortificação dos seus pecados. Ore pelos demais irmãos da igreja também.

Pr. Alceu Lourenço